



Literatura e memória

Período
1969-1975

A memória coletiva de um país é construída ao longo do tempo por diferentes documentos. As memórias individuais, dos sujeitos históricos que participaram dos eventos da história nacional, são importantes testemunhos que ajudam na reconstituição do passado.

Esta sequência didática tem como objetivo trabalhar a construção da memória dos anos de chumbo a partir da literatura, em especial da literatura sobre a ditadura civil-militar. A publicação de livros de memórias, como as autobiografias, revelaram aspectos do período ditatorial que haviam permanecido escondidos e ignorados pelas gerações mais novas. A proposta de trabalho se estrutura a partir da leitura de dois livros desse gênero literário, para que os estudantes reflitam sobre o papel dos depoimentos, em diferentes suportes e linguagens, para a construção da memória coletiva do Brasil. O trabalho proposto pode ser desenvolvido paralelamente pelos professores das disciplinas de História e Literatura, explorando a relação entre o gênero textual e a memória histórica.

Orientações gerais

É importante que seja discutido com os alunos, inicialmente, o conceito de fontes históricas, ampliando a visão tradicional de documento como apenas o registro escrito e oficial, para incluir dentre as fontes todos os vestígios produzidos pelo ser humano, individualmente ou em comunidade.

A História Oral é uma abordagem histórica que busca nos relatos e falas aquilo que não aparece registrado nos documentos oficiais; é uma metodologia de pesquisa que se baseia nos depoimentos para a construção da narrativa.

Também é importante que seja discutida a noção de verdade nos documentos históricos, sejam eles quais forem. O registro é sempre uma versão sobre os acontecimentos, portanto, as narrativas revelam pontos de vista sobre o passado, bem como a posição ideológica do narrador-autor das informações resgatadas dos documentos.

Produto final: Realização de um seminário que sistematize a reflexão sobre as autobiografias que contribuíram para o resgate da memória sobre o regime da ditadura civil-militar. A exposição oral (seminário) é um gênero textual de transmissão de conhecimentos adquiridos sobre um tema específico.

Para o professor

Leituras

Sobre depoimentos de militares e militantes políticos da época da ditadura, recomendamos a leitura dos artigos:

“[Memória irrestrita](#)”: Ex-revolucionários revelam diferentes opiniões sobre a ditadura.

“[Reflexões sobre a violência](#)”: livro de militar democrata sobre as torturas praticadas no período da ditadura civil-militar.

“[Mantendo o status quo](#)”: entrevista com militar da reserva fala sobre o golpe.

“[Narrativas da repressão](#)”: o cinema nacional sobre o período da ditadura civil militar.

Para as atividades, a leitura dos livros citados é recomendada, para conhecer as obras além dos resumos ou sinopses das adaptações para o cinema:

“Feliz Ano Velho”, de Marcelo Rubens Paiva, Objetiva, 2006.

“O que é isso companheiro?”, de Fernando Gabeira, Companhia de Bolso, 2009.

Filmes

Feliz Ano Velho, direção de Roberto Gervitz, 1987;
O que é isso companheiro?, direção de Bruno Barreto, 1997.

Sites

[Comissão Nacional da Verdade](#)
[Memórias Reveladas](#), do Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985).

Etapas

1. Literatura e a ditadura

Para começarem a conhecer o tema, os alunos devem ler o texto do portal “Literatura”, no item Arte e Cultura. A partir da leitura, eles fazem um fichamento do texto, organizando as informações nele apresentadas. Segundo o autor, “a literatura teve um papel importante entre as artes de resistência. Tanto no diagnóstico da violência e da experiência social sob o autoritarismo, quanto no exame das contradições e impasses dos intelectuais de esquerda que se opunham ao regime.”

No Brasil do regime militar, a literatura atuava como uma área de expressão do engajamento intelectual e se utilizava de várias formas de escrita (ensaio, crônica, conto, romance) para transmitir ideias e intervir no debate sobre a sociedade e as liberdades públicas. Logo após o golpe de 1964, o romance se destacou na produção literária, apresentando os conflitos dos autores frente à situação política do país, a partir da narrativa ficcional.

Na década de 1970, a crítica literária anunciava uma crise do romance e, ainda na ficção, o crescimento da narrativa realista, que contava a história como se fosse um documentário cinematográfico. Nessa década, segundo o autor, “é nítida nos livros a influência de outras linguagens, vindas do jornalismo, da publicidade, do cinema. O conto, a poesia, o livro-reportagem, a autobiografia, a novela, seriam os principais formatos literários dos anos 1970, na tentativa de manter a palavra literária como lugar de resistência cultural”.

Após 1975, a publicação dos “romances-reportagens” e dos livros de memórias cresceram, sobretudo depois da anistia em 1979. A volta dos exilados foi acompanhada pelas narrativas de suas aventuras e desventuras na luta contra o regime militar e no exílio. Essas memórias foram importantíssimas para revelar o que se passara nos porões das instituições de repressão e alimentar a luta pelo reestabelecimento pleno da democracia e dos direitos humanos.

No fichamento do texto, individualmente, os alunos devem fazer um reconhecimento da produção literária em cada época, destacando os autores, as principais publicações, os temas relevantes e os gêneros escolhidos.

Após a sistematização da leitura individual, o professor organiza uma roda de conversa, aberta para a exposição e debate do texto. O objetivo é destacar o papel da literatura na resistência, bem como diferenciar as narrativas quanto aos formatos, ficcionais ou não (poemas, romances, contos, autobiografias, dentre outros).

Para isso, é importante também que os alunos distingam a literatura no período ditatorial da literatura sobre a ditadura. A primeira teve que lidar com os conflitos da realidade política, que impunha um controle sobre a exposição de ideias, com leis que censuravam as artes e o jornalismo como um todo. A segunda, após a abertura política, já pôde ser produzida com um distanciamento das ações realizadas e com direito à liberdade de expressão.

Para isso, apresente aos alunos duas leis que marcaram esse contexto da produção literária.

Os documentos são:

- [Decreto 1077](#), de 1970: Impunha a censura e o controle sobre as publicações consideradas subversivas em nome da segurança nacional, era um decreto característico do autoritarismo que vigorava na política brasileira.

- [Lei da Anistia](#), de 1979: Concedia, dentre outras coisas, “anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexos com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos”.

A leitura deve ser feita em duplas, cada documento por um membro, que fará também a exposição das ideias principais para o outro colega. A seguir, eles devem relacionar as fases de produção literária com o contexto histórico caracterizado pela aplicação de cada uma das leis em vigor. O professor precisa intermediar a reflexão, auxiliando na sistematização das principais relações.

A primeira fase, até a metade da década de 1970, foi marcada pela literatura de ficção, na tentativa

também de driblar a censura imposta aos escritores em sua atividade criativa.

A segunda fase, a partir de 1975 e, principalmente, após a anistia, em 1979, concentra a produção de autobiografias, com a exposição das memórias dos militantes na luta contra a ditadura, visto que o processo de abertura política havia se iniciado.

Caso o professor identifique na sala de aula a falta de domínio sobre o contexto das décadas de 1960 e 1970, cabe indicar a leitura dos textos do portal: "[Anos de terror – de 1969 a 1978](#)", e "[Literatura](#)".

2. As memórias sobre a ditadura: “Feliz ano velho”

No contexto dos anos de chumbo (1969-1975), a documentação produzida sobre as práticas de repressão política aos que desafiavam o sistema ditatorial contemplava apenas um lado da história. Os registros oficiais eram marcados pelo discurso autoritário e legitimavam a visão do governo civil-militar.

Assim, as fontes históricas para a pesquisa sobre o período precisam ser analisadas criticamente, buscando perceber sempre a ideologia veiculada nos textos produzidos. O próprio vocabulário usado para se referir aos dois lados da história evidencia o comprometimento dos documentos com a causa oficial. Os militantes de esquerda são tratados como terroristas, criminosos, delinquentes, perigosos, assassinos, subversivos; enquanto os militares e seus aliados aparecem como aqueles que tem como missão salvar a família, a moral, os bons costumes, a segurança nacional.

Muitas informações, consideradas confidenciais, tendiam a permanecer arquivadas por muitos anos, longe do conhecimento da população. Práticas de tortura e crimes contra os cidadãos, por exemplo, não eram veiculados nos meios de comunicação. Como tomar conhecimento sobre tais práticas se outras fontes históricas não fossem incluídas? Dentre essas fontes, incluem-se os depoimentos daqueles que viveram no período e tiveram suas vidas marcadas pelos acontecimentos e condições políticas, econômicas, sociais e culturais daquela época.

É nessa perspectiva que propomos o trabalho com a literatura de memória – as autobiografias publicadas após os anos de chumbo, mas que revelam inúmeros aspectos sobre a vida no país. A partir da memória individual se dá a construção da memória coletiva brasileira.

Os depoimentos, apresentados no formato autobiográfico, trazem à luz aquilo que não aparece nos documentos oficiais, uma nova versão sobre o que se passou naqueles anos, quais os objetivos e as estratégias das militâncias, os conflitos e sofrimentos pessoais, as ideologias em conflito, a utopia perseguida por muitos e reprimida duramente pelas instituições governamentais.

Esta sequência didática propõe o trabalho de análise de algumas dessas publicações que abordaram os anos de chumbo a partir da ótica dos militantes de esquerda ou de seus familiares.

A produção literária sobre o período da ditadura, após a abertura política, oferece enfoques variados que retomam os anos de chumbo (1969-1975) e suas práticas de repressão. Para os alunos conhecerem alguns desses aspectos, selecionamos dois livros publicados no início dos anos 1980, após a Lei da Anistia, e reeditados recentemente:

- “Feliz Ano Velho”, de Marcelo Rubens Paiva.

O autor registra suas memórias e resgata parte de sua história pessoal com o pai, o ex-deputado Rubens Paiva, desaparecido político, morto em 1971.

- “O que é isso companheiro?”, de Fernando Gabeira.

Livro autobiográfico que resgata a história de seu envolvimento no sequestro do embaixador norte-americano no Brasil, Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969.

Ambos tiveram adaptações para o cinema, portanto, os filmes também podem ser exibidos ou indicados aos alunos, ressaltando que são linguagens distintas (cinema e literatura).

O trabalho com as autobiografias pode ser feito em pequenos grupos, com partes selecionadas dos livros. A leitura é individual e precede a etapa do trabalho em equipe. (Nada impede que seja indicada aos alunos a leitura dos livros na íntegra.)

Do livro de Marcelo Rubens Paiva, sugerimos que se destaquem os trechos que falam sobre a prisão e morte de seu pai. Para conhecer a história do ex-deputado, indique aos alunos a leitura no portal da minibiografia de [Rubens Paiva](#), desaparecido político que foi preso no DOI-Codi em janeiro de 1971.

Antes da leitura do livro “Feliz Ano Velho”, solicite aos alunos que leiam a entrevista feita com o autor, pelo jornal [Folha de S. Paulo](#), em 2013.

Após lerem a entrevista e o trecho selecionado do livro, os alunos devem sistematizar, em grupo, uma análise sobre o formato dos relatos – um para o jornal, em 2013, e outro na autobiografia, em 1987. No que eles diferem? No que eles se assemelham? Embora sejam depoimentos, relatos pessoais, baseados na memória, escritos ou falados na primeira pessoa, sobre uma história familiar, esses depoimentos contam também sobre um período da história do Brasil e ajudam a resgatar aspectos que certamente não estão registrados em outros documentos do período.

3. O que é isso Companheiro?

A próxima etapa do trabalho com textos autobiográficos é a leitura do livro “O que é isso companheiro?”, de Fernando Gabeira. A publicação da autobiografia do ex-guerrilheiro foi um marco no mercado editorial voltado aos livros de memórias, especialmente sobre a ditadura civil-militar e a resistência da esquerda.

No livro, Gabeira fez uma reflexão sobre suas experiências – a luta armada, a militância em uma organização clandestina, a prisão, a tortura, o exílio na Europa – e traçou um retrato do Brasil dos anos 1960 e 1970.

O destaque da leitura deve ser o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, em 1969. O episódio foi organizado pelas organizações Aliança Libertadora Nacional (ALN) e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8).

Um dos participantes e mentores do sequestro foi o jornalista [Franklin Martins](#). Ele também registrou suas memórias e publicou suas experiências na luta contra a ditadura. Ele relembra a história e reproduz o manifesto da ALN e do MR-8 na época.

Deve-se contemplar esse documento, as memórias de Gabeira e textos do [noticiário da época](#), que fizeram a cobertura do sequestro e evidenciam as ações do governo em reação à estratégia dos guerrilheiros urbanos.

Algumas perguntas podem auxiliar na sistematização das leituras e na comparação entre elas no que se refere à versão do ocorrido:

- * Como o sequestro foi noticiado em 1969?
- * Como os militantes eram tratados pela imprensa?
- * Qual a diferença entre os motivos expostos pelos guerrilheiros e os noticiados nos jornais?
- * O que o livro acrescenta ao contexto histórico que envolvia o sequestro e outras ações da luta armada?

As manchetes dos jornais informavam sobre a ação considerada terrorista e julgavam como sendo bem sucedido o resgate do embaixador. Já para os guerrilheiros, o sequestro foi exitoso: além da libertação de militantes que estavam presos, a ditadura civil-militar foi exposta internacionalmente.

As autobiografias têm características diferentes. Enquanto Marcelo Rubens Paiva recorda sua infância e adolescência antes do acidente que o deixou tetraplégico e, dentre suas recordações, conta sobre a prisão de seu pai pelo Exército, Fernando Gabeira participou ativamente da resistência e resgata detalhes sobre a ação dos grupos de esquerda que lutavam contra a ditadura. Portanto, as lembranças são bastante diferentes e o objetivo das publicações também.

4. Produto final

Para finalizar a sequência didática, o professor propõe aos alunos uma reflexão sobre as leituras. Para isso, eles devem contemplar o parágrafo final do texto “Literatura” do portal:

“Portanto, a literatura durante o regime militar propiciou uma gama de ‘consciências literárias’ sobre a experiência histórica, não porque imitou a realidade nos livros, mas porque, em muitos casos, só a reflexão propiciada pela ficção, pela imaginação ou pela memória poderia dar conta de compreender uma realidade política, cultural e social tão multifacetada e complexa.”

O professor convida os alunos para uma exposição oral que articule uma reflexão entre o parágrafo selecionado e as leituras realizadas. Divididos em grupos, os alunos devem abordar um tema relacionado ao estudo das autobiografias e seu papel para a memória do período ditatorial.

Os alunos devem ser orientados sobre como agir em um seminário: linguagem formal, postura adequada, tom de voz alto e clareza na exposição das ideias.

O grupo deve iniciar a exposição com uma apresentação da equipe, seguida da introdução ao tema.

Cada participante deve ter uma contribuição na exposição oral. O seminário deve ser encerrado formalmente, com uma conclusão sobre o tema.

Para apresentar aos colegas de turma, eles podem usar recursos tecnológicos como vídeos, imagens de época, apresentação em datashow, músicas, etc.

Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/sequencias-didaticas/literatura-e-memoria/>